

AUTORES

**Felipe Tavares
Paes Lopes***

flopesftp@gmail.com

**Bernardo Borges
Buarque de
Hollanda****

bernardobuarque@gmail.com

* Doutor em Psicologia Social pela USP. Pós-doutorado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil) e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC, Brasil). Professor-adjunto do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso, Brasil).

** Doutor em História Social e da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ, Brasil). Pós-doutorado na *Fondation Maison des Sciences de l'Homme*. Professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV, Brasil) e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC, Brasil).

“Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística

“Fútbol moderno”: la ideología, los sentidos y las disputas en la apropiación de una categoría futbolística

“Modern football”: ideology, meanings, and disputes on the appropriateness of a football category

RESUMO

O presente artigo examina os usos e sentidos da categoria “futebol moderno”, tal como empregado por subgrupos e vanguardas de torcedores de clubes esportivos no Brasil. À luz do conceito de ideologia, desenvolvido por John B. Thompson, analisa-se uma série de discursos de lideranças de torcidas organizadas e de coletivos torcedores que se contrapõem às transformações econômicas, arquitetônicas e organizacionais em curso no futebol profissional contemporâneo. Por meio de nove entrevistas semiestruturadas, procura-se entender como o termo “contra futebol moderno”, originado na Europa dos anos 1970 e difundido como slogan por movimentos *ultras* europeus desde os anos 1990, vem sendo apropriado no Brasil durante a última década, em reação aos megaeventos esportivos realizados no país (2007-2016) e à construção de arenas multiuso, que suplantam o modelo de estádios públicos, vigente desde a segunda metade do século XX. A análise de discurso aqui realizada chega à conclusão de que, embora se trate de uma pauta unificadora importante para esse segmento de atores futebolísticos, envoltos em relações assimétricas de poder, a luta contra o “futebol moderno” comporta uma série de ambigüidades em suas narrativas, porquanto se configura mais reativa e circunstancial do que efetivamente propositiva e programática. Ao assestarem suas baterias contra a descaracterização da tradição futebolística, verifica-se uma ambivalência na valoração do passado, via de regra idealizado como autêntico, espontâneo e festivo, em contraposição a um presente em tudo comprometedor da “essência” e da “autenticidade” perdida com a nova configuração do futebol midiático e mercantilizado.

RESUMEN

El presente artículo examina los usos y sentidos de la categoría “fútbol moderno”, en la forma en que es empleada por subgrupos y vanguardias de hinchas de clubes deportivos en Brasil. A la luz del concepto de ideología que ha sido desarrollado por John B. Thompson, se analizan una serie de discursos de liderazgos de hinchas organizados y de grupos de hinchas que se contraponen a las transformaciones económicas, arquitectónicas y organizativas en curso en el fútbol profesional contemporáneo. Por medio de nueve encuestas semiestructuradas, se busca entender cómo el término “contra el fútbol moderno”, originado en Europa en los años 1970 y difundido como eslogan por los movimientos *ultras* europeos desde los años 1990, está siendo apropiado en Brasil durante la última década, como reacción a los grandes eventos deportivos realizados en el país (2007-2016) y a la construcción de arenas multiuso, que suplantam el modelo de estadios públicos, vigente desde la segunda mitad del siglo XX. El análisis de discurso aquí realizado llega a la conclusión de que, aunque se trate de una temática unificadora importante para ese segmento de actores futbolísticos, involucrados en relaciones asimétricas de poder, la lucha contra el “fútbol moderno” comporta una serie de ambigüedades en sus narrativas, ya que se configura más reactiva y circunstancial que efectivamente propositiva y programática. Al dirigir sus fuerzas contra la no caracterización de la tradición futbolística, se certifica una ambivalencia en la valoración del pasado, por regla general idealizado como auténtico, espontáneo y festivo, en contraposición a un presente comprometedor de la “esencia” y de la “autenticidad” perdida con la nueva configuración del fútbol mediático y mercantilizado.

ABSTRACT

This article analyzes the uses and meanings of the “modern football” category, as employed by subgroups and vanguards sporting clubs fans in Brazil. Considering the ideology concept, developed by John B.

Thompson, we analyze a series of discourses of organized supporters' leaders and collective of fans who counteract the economic, architectural, and organizational transformations taking place in the contemporary professional football. Through nine semi-structured interviews, we sought to understand how the term "against modern football," originated in the 1970s Europe and widespread as a slogan by ultra European movements since the 1990s, has been appropriated in Brazil in the last decade, in response to sporting mega events carried out in the country (2007-2016) and the construction of multipurpose arenas, which supersede the model of public stadiums, in force since the second half of the 20th century. Our discourse analysis concludes that, although it is an important unifying issue to these football actors, who are part of asymmetrical power relations, the fight against the "modern football" involves a series of ambiguities in their narratives, since it is more reactive and circumstantial than effectively propositional and programmatic. When focusing our energy against the distortion of the football tradition, we perceive ambivalence in the appraisal of the past, generally conceived as authentic, spontaneous, and festive, in contrast to a present that fully compromises the "essence" and the "authenticity" lost with the new configuration of the media and commodified football.

1. Introdução¹

Este artigo tem como objetivo geral contribuir para a compreensão dos vínculos entre sentido e poder no campo de produção, transmissão e recepção/ consumo do espetáculo futebolístico. Para tanto, focaliza as possíveis implicações ideológicas de discursos socialmente relevantes a respeito do “futebol moderno” – categoria nativa que, grosso modo, serve para designar as transformações sociais, culturais, econômicas e arquitetônicas nos estádios e clubes de futebol causadas pelo processo de hipermercantilização desse esporte, fenômeno mais visível entre fins do século XX e início do século XXI. Trata-se de averiguar como lideranças de torcidas organizadas e integrantes de coletivos de torcedores – estes últimos grupos criados em período recente – produzem e disseminam discursos que exercem influência nos movimentos de oposição e resistência a esse processo.

Essa resistência teve início na Europa após a Segunda Guerra Mundial, quando o mercado de transferência de jogadores se profissionalizou e as relações tradicionais entre clubes e torcedores se romperam (Numerato, 2014). Mas foi somente na década de 1970 que se estabeleceu uma cultura contestatória, com os primeiros fanzines produzidos por torcedores. Tal cultura motivou a fundação de diversas associações independentes de torcedores na década seguinte, especialmente no Reino Unido (Giulianotti, 2002).

Em janeiro de 1990, um fato mudou significativamente a organização do espetáculo futebolístico e as condições estruturais dos estádios britânicos: a publicação do Relatório Taylor. Este analisou as causas e as consequências de tragédias coletivas em estádios, incêndios, superlotação, confrontos entre torcedores adversários, como a de *Hillsborough*, em Sheffield, que vitimou 96 torcedores no ano de 1989, e fez uma série de recomendações para a ampliação da segurança e proteção do torcedor. A primeira medida adotada por todos os clubes foi a retirada dos alambrados em torno das arquibancadas, que representou o começo do “estádio pós-moderno” no Reino Unido, caracterizado pelo aumento do controle panóptico das autoridades do futebol sobre os torcedores. Outra medida adotada foi a colocação de assentos em todos os setores, com a extinção das antigas gerais (*terraces*), locais de livre circulação de torcedores, situados atrás dos gols, que usualmente assistiam às partidas em pé (Giulianotti, 2002).

Nas décadas subsequentes, após a reestruturação integral de seu parque de estádios e da implantação de uma nova concepção arquitetônica para os equipamentos esportivos, a *Premier League* (Primeira Divisão do Futebol Inglês) tornou-se uma das mais fortes competições clubísticas do mundo, arrecadando bilhões de Libras Esterlinas em contratos publicitários e direitos de transmissão². Ao mesmo tempo, passou a ser criticada por movimentos de torcedores de toda Europa (especialmente integrantes de grupos ultras), em razão do aumento do valor dos ingressos e das inúmeras proibições de instrumentos e materiais das torcidas nas arquibancadas, sendo vista como paradigmática do termo por eles cunhado de “futebol moderno”. Futebol que, na perspectiva desses movimentos, contribui para o fim das emoções e para a perda da autenticidade, da espontaneidade, da história, da tradição e da rivalidade entre clubes (Numerato, 2014).

Entre os estudos de antropologia, história e sociologia do esporte, a reação ao “futebol moderno” consolidou-se como tema de pesquisa científica a partir dos anos 2000 e, de modo ainda mais enfático, nos anos 2010 (Santos, 2016), ganhando espaço em revistas especializadas, como o periódico *Soccer & Society*. Prova disto é que, em levantamento realizado no site da revista acadêmica, encontram-se cerca de dez artigos publicados nos últimos cinco anos (2012-2016) que tratam de alguma maneira do assunto. Importantes livros sobre a indústria do futebol e sobre as respostas a essa indústria, como *Football in neo-liberal times* (Kennedy & Kennedy, 2016), também foram recentemente publicados e tematizaram a questão de maneira central.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol profissional; torcidas organizadas; coletivos torcedores; ideologia; análise de discurso

PALABRAS CLAVE

Fútbol profesional; Hinchas organizados; Colectivos hinchas; Ideología; análisis de discurso

KEYWORDS

Professional football; organized supporters; collectives of fans; ideology; discourse analysis

Recibido:
30.04.2018

Aceptado:
26.07.2018

No Brasil, as críticas de agrupamentos torcedores ao "futebol moderno" ganharam força nos últimos anos, com o chamado processo de "arenização" dos principais estádios do país, motivado pela realização da Copa do Mundo de 2014. Tal processo consistiu na conversão de praças desportivas tradicionalmente públicas, a exemplo do Pacaembu e do Maracanã, com capacidade para receber até cento e cinquenta mil espectadores, em arenas privadas multiuso, de pequeno e médio porte, seja por meio de reformas radicais seja através da construção de novos equipamentos esportivos.

Essas críticas têm sido vocalizadas por coletivos de torcedores³ e, principalmente, pelas tradicionais torcidas organizadas de futebol⁴, capitaneadas pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg)⁵. Raramente, no entanto, essas críticas encontram eco nos meios de comunicação de massa ou são contempladas no momento de elaboração de leis e políticas públicas para o futebol. Afinal, elas são realizadas num espaço assimétrico de poder, onde os torcedores têm pouca voz e influência (Lopes, 2013).

De qualquer modo, assim como na Europa, tais críticas têm chamado a atenção de alguns pesquisadores. Nos últimos anos, estudos de perspectiva histórica têm-se debruçado sobre as origens e os desenvolvimentos das experiências organizativas de torcedores (Hollanda, 2009, Hollanda & Medeiros & Teixeira, 2015) e pesquisas desenvolvidas no campo da comunicação têm analisado suas reivindicações pelo direito ao estádio e ao clube (Santos, 2016, Santos & Helal, 2016). A despeito dos avanços trazidos por esses trabalhos, ainda inexistem estudos que se proponham a realizar uma análise crítica dos discursos contrários ao "futebol moderno", examinando seus efeitos discursivos e seu potencial ideológico.

Conquanto usualmente enfoque as formas simbólicas produzidas por grupos dominantes, o estudo da ideologia pode (e deve) interessar-se por aquelas manifestações produzidas por grupos dominados, incluindo aqueles atores engajados em movimentos articulados de resistência ao aprofundamento e ao impacto das transformações capitalistas no universo do futebol. Ao debruçar-se sobre essas formas simbólicas, o estudo da ideologia pode chamar a atenção para suas contradições e

ambiguidades, mostrando como, paradoxalmente, podem ser conservadoras sob alguns aspectos, alimentando relações de opressão e exploração. Ao mesmo tempo, a referida grade conceitual pode ajudar a realçar como práticas e representações hegemônicas servem para manter formas de dominação, que resultam em desigualdades e injustiças sociais (Thompson, 2000).

Assim, situando-se no campo específico de estudos da ideologia, o presente artigo busca responder às seguintes perguntas: se, e se sim, em que medida e como os sentidos de "futebol moderno" produzidos por representantes de coletivos de torcedores e de torcidas organizadas contribuem para estabelecer e sustentar relações de dominação, podendo ser caracterizados como ideológicos? E, inversamente, se, e se sim, em que medida e como contribuem para minar essas relações, podendo ser caracterizados como críticos da ideologia? A fim de responder essas questões, buscamos articular os conceitos de ideologia e produção de sentidos, sintetizados no tópico subsequente.

2. Produção de sentidos e ideologia

Desde o século XX, as discussões em torno do fenômeno da linguagem possuem um papel de destaque na Filosofia e nas Ciências Humanas e Sociais (Ibáñez, 2004). Não à toa, debatem-se *ad nauseum* os chamados "giros linguísticos" e a importância de autores como Wittgenstein para o pensamento social contemporâneo (Mj. Spink, 2000). O *linguistic turn* aponta para a complexidade do itinerário intelectual do papel e do conceito de linguagem. Ainda hoje, existem intensas disputas em torno dele, travadas por diferentes sistemas teórico-metodológicos. Evidentemente não é o objetivo aqui refazer esse itinerário, até porque isso requereria um aprofundamento conceitual que escaparia, e muito, dos limites deste trabalho. O propósito aqui é simplesmente situar a perspectiva construcionista, que orienta as análises e interpretações aqui apresentadas, para analisar os discursos torcedores que sustentam a luta contra o "futebol moderno".

Seguindo os caminhos abertos e percorridos por autores vinculados a essa perspectiva, recusamos a ideia cartesiana de que a linguagem seja "(...) apenas um instrumento para manifestar nossas ideias, uma simples roupagem com a qual essas se apresentam ao exterior e se tornam visíveis para os demais" (Ibáñez, 2004, p. 23). Ao contrário, entendemos que ela se institui como constitutiva das coisas do mundo social. A linguagem é ação sobre esse mundo e, conseqüentemente, sobre as pessoas – incidindo, portanto, sobre o desenvolvimento das relações e práticas sociais (Ibáñez, 2004).

Sendo assim, entendemos a produção de sentidos como um fenômeno sociolinguístico. Essa produção não é, portanto, uma atividade cognitiva isolada, ou intra-individual. Tampouco reproduz pura e simplesmente modelos pré-determinados. Trata-se, em verdade, de uma prática social dialógica, que implica a linguagem em uso e em ato. Nas palavras de Mary Jane Spink e Benedito Medrado,

o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (Spink & Medrado, 2000, p. 41).

Em face da concepção acima transcrita, adotamos o conceito de John B. Thompson (2000) de ideologia, que a compreende como "o sentido a serviço da dominação", entendendo por dominação relações de poder que são estrutural e sistematicamente assimétricas. Isto é, para o autor, uma situação pode ser descrita como de dominação "(...) quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito" (p. 80).

Essa caracterização de ideologia evita a neutralização do conceito. Para Thompson (2000), a ideologia não é um aspecto da vida social (ou uma forma de investigação social) entre outros, que não é nem mais nem menos problemático, mas um fenômeno intrinsecamente negativo, que

deve ser condenado e enfrentado. Tampouco é uma característica ou um atributo intrínseco de certas formas simbólicas ou sistemas simbólicos, tais como o conservadorismo, o liberalismo ou o comunismo. Na sua proposta, nenhuma forma simbólica é ideológica ou contestatória em si mesma: se ela é ideológica ou contestatória, e o quanto o é, depende da maneira como é usada e entendida em contextos sociais específicos.

Por esta razão, de acordo com Thompson (2000, p. 18), esse enfoque pode nos levar "(...) a olhar uma forma simbólica ou um sistema como ideológico num contexto e como radical, subversivo, contestador noutro. Pode levar-nos a ver o discurso sobre direitos humanos, por exemplo, como apoiando o *status quo* num contexto e como subversivo noutro". Mais ainda, pode levar-nos a considerar uma mesma forma simbólica como ideológica sob certos aspectos e como contestatória sob outros. Ela pode, por exemplo, sustentar relações de dominação de gênero, ao mesmo tempo em que mina relações de dominação de classe.

Além de evitar a neutralização do termo, o conceito de ideologia de Thompson (2000) rechaça a ideia de que toda ideologia seja intrinsecamente ilusória e coloca seu caráter enganador apenas como uma possibilidade contingente. Na sua proposta, a dissimulação é somente um dos modos possíveis de operação da ideologia, porquanto podem existir outros tão importantes quanto, tais como: a legitimação, a unificação, a fragmentação e a reificação. Esses modos podem estar ligados a variadas estratégias de construção simbólicas, que, em determinadas circunstâncias, podem contribuir para favorecer os grupos dominantes.

Outro ponto importante é que, de acordo com Thompson (2000), a dominação de classe é apenas um eixo da desigualdade e da exploração no mundo atual. De modo algum, é a única forma de dominação e subordinação. Assim,

ao estudar a ideologia, **podemos** nos interessar pelas maneiras como o sentido mantém relações de dominação de classe, mas devemos, também, interessar-nos por outros tipos de dominação, tais como as relações estruturadas entre homens e

mulheres, entre grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global (Thompson, 2000, p. 78, grifo dos autores).

Sendo assim, uma forma simbólica será ideológica quando servir para subjugar e oprimir qualquer grupo social. A ideologia, segundo a concepção do Thompson (2000), é, por conseguinte, hegemônica por natureza, dado que contribuirá, necessariamente, para reproduzir a ordem social que favorece os grupos dominantes. De modo inverso, uma forma simbólica será crítica da ideologia sempre que desafiar e transformar o *status quo*, representando uma forma de contestação.

No presente artigo, ao examinarmos o conjunto de discursos produzidos por lideranças de torcidas organizadas contrárias ao que denominam "futebol moderno", enfatizamos a ideologia por esta via inversa de questionamento às formas simbólicas impingidas pelos grupos dominantes.

3. Metodologia da interpretação

Considerando que a metodologia não tem *status* próprio e que precisa ser definida dentro de um contexto teórico determinado (Luna, 2006), delineamos a pesquisa a partir da proposta metodológica de Thompson (2000): a hermenêutica de profundidade (HP). Esta metodologia foi inicialmente desenvolvida por Paul Ricoeur e posteriormente adaptada por Thompson, que buscou dar mais atenção ao contexto sócio histórico das formas simbólicas e, com isso, evitar o equívoco de identificar suas características e consequências a partir exclusivamente de seu conteúdo. Para tanto, estruturou sua HP em três fases ou procedimentos principais, que não devem ser vistos "(...)" como estágios separados de um método sequencial, mas antes como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo" (p. 365).

Essas três fases ou procedimentos podem ser descritos como análise sócio histórica, análise formal ou discursiva e interpretação / reinterpretação. Neste trabalho, a análise sócio

histórica buscou reconstruir – ainda que muito brevemente – o desenvolvimento da resistência ao "futebol moderno", enfocando seus principais atores, os momentos mais marcantes e as assimetrias que a caracterizam. Essa reconstrução foi apresentada na Introdução e feita por meio de revisão de literatura⁶.

Por sua vez, a análise formal ou discursiva buscou examinar os sentidos produzidos por representantes de coletivos de torcedores e de torcidas organizadas a respeito do "futebol moderno". Para tanto, realizamos uma série de entrevistas, entendendo que uma "(...)" entrevista é uma produção discursiva coconstruída por entrevistador/a e entrevistado/a, feita a partir de negociações e pautada pela ética dialógica, sendo entendida como prática discursiva" (Araki et al., 2014, p. 71).

Entre os nove entrevistados, havia duas mulheres. Ainda que o principal critério empregado na construção do *corpus* tenha sido o papel (de militante) desempenhado por esses representantes, tínhamos interesse em saber se as questões trazidas por duas lideranças femininas problematizavam as transformações ocorridas no futebol, um universo tradicionalmente masculino, a partir da ótica de gênero. De modo algum, todavia, foi nossa intenção fazer qualquer generalização a partir de duas entrevistas.

A escolha por se debruçar sobre coletivos de torcedores e sobre torcidas organizadas deve-se ao fato de esses grupos serem os principais engajados na resistência ao "futebol moderno". Em relação ao número de entrevistas (nove no total), este não foi definido previamente. Na verdade, o critério utilizado foi o de "saturação de sentido", ou seja, decidimos finalizar as entrevistas no momento em que temas e pontos de vista comuns começaram a se repetir com frequência. Isto indica que, provavelmente, não surgiriam mais novas surpresas sobre o assunto (Gaskell, 2008).

As entrevistas foram conduzidas por um tópico-guia e realizadas em diversos lugares (botequins, sedes de torcida, clubes de futebol, eventos de torcida, por Skype etc.), definidos conjuntamente com os entrevistados. Todas elas foram feitas por apenas um dos autores deste trabalho, que já conhecia os

entrevistados, o que contribuiu para que a conversa se desenvolvesse com maior fluidez. Antes do início, foram explicados os objetivos da pesquisa aos entrevistados e foi pedido que assinassem um termo de consentimento informado, com a explicitação do compromisso ético e da garantia do anonimato. Também foi perguntado se as entrevistas poderiam ser gravadas, o que foi aceito por todos.

Uma vez realizadas as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra e submetidas a uma análise de discurso (Rojo, 2004). Para realizar essa análise, foram lidas atentamente as transcrições e, em seguida, foi elaborado um “quadro de sistematização” para cada uma delas. Para criar esses mapas, utilizamos o recurso “inserir tabela” do programa Microsoft Word. As colunas de cada tabela foram divididas em doze temáticas e os conteúdos foram organizados a partir dessas temáticas⁷. Para este trabalho, exploramos, de modo mais aprofundado, duas delas, a saber: “como descrevem/explicam o “futebol moderno” e “como descrevem/analisa o período anterior a esse futebol”. Se, por um lado, todo recorte carrega a desvantagem de não aproveitar toda informação produzida; por outro, faculta manter o foco no problema de pesquisa e realizar um trabalho mais intensivo nos trechos selecionados (Ramalho & Resende, 2011).

Uma vez definido o recorte a ser aplicado, buscamos analisar o seguinte: 1) as formas de nomeação e os atributos (adjetivos) imputados ao “futebol moderno” e ao período anterior a ele e 2) a quem se atribui a responsabilidade pelas transformações no futebol atual, suas principais consequências e sobre quem elas são projetadas (Rojo, 2004). Para executar essa análise, utilizamos o dispositivo de preenchimento de cor do Microsoft para destacar a recorrência de palavras que se mostravam úteis para discutir cada um desses três pontos.

Feita essa discussão, buscamos mostrar como as construções simbólicas analisadas podem, em determinadas circunstâncias, estar associadas a certos modos gerais de operação da ideologia. Ao realizarmos essa discussão, já nos engajamos na terceira e última etapa. Nesta, procuramos explicitar as conexões possíveis entre os sentidos produzidos pelos entrevistados a respeito do

“futebol moderno” e as relações de dominação que caracterizam o processo de produção, transmissão e recepção/consumo desse futebol. Para tanto, empreendemos uma síntese, por construção criativa, dos resultados das etapas anteriores. Os da segunda e da terceira etapas foram sintetizados na seção subsequente.

4. Análise e interpretação dos discursos sobre o “futebol moderno”

Esta seção foi dividida em dois tópicos, de certo modo, interdependentes. Na primeira, focalizamos o processo de construção da categoria “futebol moderno”. Já na segunda, o foco recai nas narrativas produzidas sobre esse futebol, em particular as categorias binárias de “ontem” e “hoje”, de passado e presente.

4.1 A categoria *futebol moderno*

A compreensão dos sentidos atribuídos às (supostas) mudanças pelas quais atravessam o futebol contemporâneo passa, inicialmente, pelo entendimento das estratégias de nomeação dessas transformações. Nomear algo é uma operação que permite que organizemos nossa percepção do mundo (Rojo, 2004). E todos nós podemos ser classificados segundo um ou outro nome – inclusive que possuem significados antagônicos. Assim, alguém pode ser, ao mesmo tempo, classificado como um “cidadão de bem” e um “burguês reacionário”. Como um “funcionário exemplar” e um “alienado pelego”. A forma como uma pessoa ou um grupo de pessoas é nomeado vai depender dos interesses e objetivos daquele que nomeia, bem como de seus esquemas de classificação, percepção e avaliação do mundo social (Bourdieu, 2003).

É preciso notar, entretanto, que os sentidos das palavras não podem ser definidos apenas pelos dicionários, pois vão depender do contexto em que elas são empregadas, de modo que uma mesma palavra pode receber significações distintas. Por exemplo: a palavra “comunista”

pode ser empregada para segregar e expurgar, “Esse fulano não é confiável, é um comunista!” ou, inversamente, para incluir e enaltecer, “O camarada é um autêntico comunista!”. Por esta razão, conforme Borges e Rocha-Coutinho (2015, p. 179), pode-se afirmar que nomear é uma operação social, “(...) através da qual se realiza a construção social das coisas e contribui para a estruturação do mundo no qual ela é reconhecida”.

No caso da categoria “futebol moderno”, esta constrói uma divisão cronológica, que estrutura a história do futebol em dois períodos. Esses períodos, todavia, não são definidos, por quase nenhum dos entrevistados⁸, em função de acontecimentos relativos à história do esporte em si, tais como as transformações táticas, as mudanças nas regras do jogo ou o preparo físico dos atletas. Na verdade, são definidos em função das transformações ocorridas fora das quatro linhas. Nesse sentido, tal categoria constitui uma metonímia. Afinal, toma o lugar de fenômenos relacionados ao jogo do futebol para se referir a esses próprios fenômenos (Thompson, 2000).

A categoria “futebol moderno” tampouco faz referência ao significado que a Sociologia do Esporte costuma lhe atribuir. Nessa subárea do conhecimento, tal categoria serve, ao menos nas influentes análises da Escola de Leicester, para denominar o processo que transformou os jogos populares medievais com bola nas formas atuais de futebol. Processo cuja sociogênese remonta ao processo civilizador em curso no século XIX e que, de acordo com Dunning (2014), foi acentuado entre as décadas de 1830 e 1860, nas escolas públicas inglesas, frequentadas pela elite local.

Ao perguntarmos, no início das entrevistas, “o que é o ‘futebol moderno?’”, os entrevistados responderam da seguinte maneira: um “projeto desenvolvido pela elite que comanda o futebol mundial” (Entrevistado 2); a “contrarrevolução” e a transformação do jogo num “grande negócio” (Entrevistado 1), num “espetáculo” (Entrevistado 3); o fim da “carnavalização da arquibancada” (Entrevistado 4), da “festa na arquibancada” (Entrevistado 5; Entrevistada 9), “ingresso caro” (Entrevistado 5; Entrevistado 8), a “elitização dos estádios” (Entrevistado 8), a “mercantilização do espetáculo” (Entrevistado 6) e o fim do “setor

popular” (Entrevistado 6), com “custos altíssimos” (Entrevistada 7), que deixa de fora o “público que frequenta” (Entrevistada 7).

A partir dessas respostas, podemos extrair duas macro-proposições semânticas (Van Dijk, 2001), que representam seus temas principais, a saber: 1) o “futebol moderno” refere-se à mercantilização e elitização do futebol e 2) o “futebol moderno” diz respeito ao fim de uma tradição popular de torcer coletivamente nos estádios. Enquanto esta última macro-proposição pressupõe uma avaliação negativa do encolhimento do espaço público de direitos dos torcedores, a primeira pressupõe uma avaliação negativa do alargamento do espaço privado dos interesses do mercado dentro do universo do futebol. Em outras palavras: a categoria “futebol moderno” manifesta, mais ou menos diretamente, uma crítica aos princípios neoliberais que regem, desde a década de 1990, a organização do futebol profissional (Proni, 1998).

Podemos dizer, portanto, que a categoria “futebol moderno” é construída por meio de duas estratégias de construção simbólica: primeira, a simbolização da unidade, uma vez que unifica as principais críticas dos movimentos de torcidas aos princípios neoliberais supramencionados, criando uma identidade coletiva para eles. Segunda, o expurgo do outro, uma vez que, conforme retomaremos, retrata o referido futebol como uma ameaça (sobretudo ao torcedor pobre) contra a qual somos chamados a resistir coletivamente (Thompson, 2002).

O expurgo ao “futebol moderno”, todavia, não se confunde, necessariamente, com uma reivindicação pela manutenção de estruturas inadequadas. Conforme nos esclareceu um dos entrevistados, ao perguntarmos o que é o “futebol moderno”:

(...) legal você perguntar isso porque na realidade tem muita gente da sociedade, alguns jornalistas, que eles deturpam a palavra futebol moderno com a modernização dos estádios. E, uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa. Todos nós queremos banheiros limpos, queremos estacionamento, queremos que o banheiro tenha higienização. Tenha papel higiênico.

Tenha um sabonete. Queremos uma comida adequada. E isso não tem nada a ver de ser contra o futebol moderno. Quando a gente fala o movimento do futebol moderno é a carnavalização da arquibancada, entendeu? (Entrevistado 4).

Importante notar que, para falar das mudanças efetuadas no universo do futebol produzidas pela influência do neoliberalismo, alguns sociólogos, tais como Giulianotti (2002), empregam o termo “futebol pós-moderno”, e não “futebol moderno”. Essa informação é relevante, pois sugere que as vozes dos entrevistados não incorporam o vocábulo sociológico tradicional. E, inversamente, que a Sociologia do Esporte não tem incorporado ou dado atenção às “categorias nativas”. Conforme já foi sugerido, a adoção de vocábulos próprios não deve ser entendida apenas como formas distintas de descrever uma mesma realidade, mas como formas distintas de performar a realidade. Os vocábulos incidem sobre o mundo social, servindo para mantê-lo ou transformá-lo. Conforme Bourdieu (2003), nomear é sempre instituir. Por esta razão, consideramos importante que estudos futuros se aprofundem nos efeitos do uso da categoria sociológica “futebol pós-moderno”. Que realidade(s) essa categoria está ajudando a fabricar?

Apesar dessas diferenças lexicais, os movimentos de torcidas agendam e problematizam uma série de condições também abordada por alguns acadêmicos, como o próprio Giulianotti (2002). Enquanto a mídia tradicional e os documentos que servem de base para as políticas públicas para o futebol brasileiro tendem a enfatizar sobremaneira a questão da segurança, legitimando, com frequência, um aparelho penal intrusivo e onipresente, convocando o “punho de ferro” do Estado penal (Lopes, 2016), os entrevistados focalizam as injustiças e desigualdades sociais que caracterizam o universo do futebol.

Ao focalizarem esses aspectos, seu discurso aproxima-se, ainda que difusamente, de movimentos sociais de esquerda. Aqui, a análise lexical é novamente ilustrativa. Afinal, um dos traços linguísticos mais evidentes da incorporação de um discurso em outro é justamente o vocabulário empregado, pois diferentes discursos lexicalizam

o mundo de diferentes maneiras (Fairclough, 2008). Um dos entrevistados (Entrevistado 1) definiu, por exemplo, o “futebol moderno” como a “*contrarrevolução do futebol*”. Já outro (Entrevistado 2), como “a nova *ideologia dos novos cartolas do novo futebol mundial*”. Essa lexicalização é indicativa da inclusão, em discurso indireto, de uma tradição discursiva contra-hegemônica, que busca desconstruir consensos e resistir ao *status quo*, o que nos aponta para o potencial contestatório dos discursos dos entrevistados.

Esse potencial contestatório, todavia, tende a ser minimizado pelo caráter ideológico potencial das críticas ao “futebol moderno”. Conforme van Dijk (2003), quando analisamos discursos, entre outras propriedades semânticas, devemos mencionar a importância daquilo que é omitido. Uma das principais formas de dominação e exclusão que caracteriza o universo do futebol é a de gênero. Trata-se de um universo atravessado por um ideal de masculinidade que sentencia que, para um homem se afirmar como um “homem de verdade”, é preciso aguentar as adversidades (Alabarces, 2012). Nele, os atributos frequentemente associados à feminilidade e à homossexualidade, tais como a sensibilidade, a passividade e a vulnerabilidade, são socialmente desvalorizados, estimulando práticas machistas e homofóbicas. A título de exemplo: um dos códigos vigentes nas arquibancadas é o de que as mulheres não podem tocar instrumentos ou carregar bandeiras em algumas torcidas organizadas. Cantos homofóbicos, por sua vez, podem ser escutados em todos os setores dos estádios, não apenas onde se postam as torcidas organizadas, e jogadores homossexuais não revelam sua orientação sexual, por razões de segurança e mercadológicas, a exemplo do conhecido caso do atleta Richarlyson (Pinto, 2018).

Assim, chama a atenção o fato de que os entrevistados e, principalmente, as entrevistadas não tenham incluído nos “problemas” do “futebol moderno” o machismo e a homofobia. Inclusive, uma das entrevistadas é uma das principais ativistas no enfrentamento dessas formas de dominação no futebol e, para nossa surpresa, só as abordou quando foi incitada por meio de perguntas diretas. De forma bastante especulativa, podemos conjecturar que essa omissão generalizada entre os nove depoentes se deve à “ordem social dos

discursos", ou seja, à forma como os discursos são controlados no universo das torcidas de futebol (Rojo, 2004). Baseada num princípio de desigualdade de gênero, cristalizado em uma matriz perceptiva e avaliativa comum, essa ordem provavelmente dificulta a circulação de discursos contra-hegemônicos referentes a essa questão. Destarte, de forma provocativa, podemos perguntar: não seria a categoria "futebol moderno" uma construção igualmente masculina (hegemônica)?

4.2. As narrativas sobre o "futebol moderno"

Até aqui, tratamos da categoria nativa "futebol moderno". Agora, iremos discutir as narrativas em torno desse futebol, entendendo que uma narrativa "(...) pode ser considerada, falando de maneira geral, como um discurso que narra uma sequência de acontecimentos – ou, como dizemos comumente, que 'conta uma história'" (Thompson, 2002, p. 373). No contexto de produção das entrevistas, essa narrativa foi, claramente, co-construída por meio da interface entrevistador-entrevistado. Afinal, a formulação de algumas questões já pressupunha o estabelecimento de fronteiras temporais bem delimitadas, contribuindo para a produção de respostas que dividissem a história do futebol em dois períodos. As seguintes questões são ilustrativas: "Quando surgiu o 'futebol moderno'?" "Como era o futebol antes desse período?"

Entendemos, aqui, que a formulação dessas questões não constituiu, necessariamente, uma "falha" do tópico-guia. Afinal, não compartilhamos do ideal positivista de ciência, que postula um conhecimento objetivo, neutro e desinteressado. Toda questão possui pontos de vista e valores pressupostos, que são negociados com o entrevistado, que pode aceitá-los ou não. O importante, portanto, é que esses pressupostos sejam explicitados e examinados na prática da análise. Caso contrário, apagamos os rastros da presença do pesquisador na produção das respostas dos entrevistados, afastando as marcas de sua subjetividade no processo da pesquisa. Afastamento que, por sua vez, pode manter o leitor numa posição subalterna em relação à do analista. Afinal, tende a levá-lo a acreditar numa realidade pré-construída, como se houvesse uma "significação profunda" por detrás do "véu" dos discursos enunciados em tais respostas. Mais ainda, tende a levá-lo a incorrer na falácia de

que essa realidade pode ser plenamente alcançada pela condução adequada das entrevistas e pelo exame cuidadoso de seu conteúdo. Em outras palavras: o referido distanciamento reforça o mito de que o rigor metodológico garante o alcance de verdades inquestionáveis, (Rocha & Deusdará, 2005), que devem, necessariamente, ser aceitas pelo leitor. No caso das entrevistas realizadas, os valores e pontos de vista pressupostos nas perguntas parecem ter sido assimilados e acolhidos pelos entrevistados. Cabe destacar, no entanto, que alguns deles sublinharam o caráter processual da divisão pressuposta nas perguntas: "acho que o futebol não morreu assim de uma vez... Foram várias punhaladas que ele foi tomando aí durante os anos" (Entrevistado 1).

De modo geral, as narrativas sobre o "futebol moderno" retratam o passado das arquibancadas – especialmente os anos 1990, visto usualmente como o auge das torcidas organizadas – de forma idealizada e romantizada, como uma espécie de "paraíso perdido". No ato de narrar dos torcedores, evidencia-se uma espécie de superioridade moral do velho sobre o novo. Em tal narrativa, as controvérsias em torno do "ontem" permanecem na sombra e diversas condições potencialmente problemáticas – como a falta de infraestrutura dos estádios, os problemas com a superlotação, as longas filas, a precariedade dos sanitários e a violência – desaparecem de cena. Os estádios de futebol são discursivamente construídos como espaços livres das forças que hoje o controlam, como o dinheiro, a mídia, os patrocinadores, os organizadores. Tece-se a idealização de um espaço outrora aberto a todos, um espaço festivo, carnavalizado, espontâneo, autêntico:

Era uma atmosfera totalmente diferente do que é hoje. Antes era, por exemplo, o Corinthians jogava no Pacaembu. Tinha a feira aqui na frente do Pacaembu. Todo mundo vinha. Tinha acesso a uma comida mais barata. Tinha acesso à praça, que era grande. Todo mundo tinha um local para se encontrar. É... Tinha a festa da arquibancada. Chegava, depois do jogo, a gente vinha aqui para fora de novo. Continuava aqui tomando cerveja cada um no seu grupo. Um churrasquinho... Tinha gente que trazia as coisas para fazer um churrasco aqui

na frente etc. Podia bandeira, de mastro. Podia sinalizador. Podia papel picado, bexiga, bandeirão, as faixas, é, bateria. É... As uniformizadas vinham com os seus uniformes etc. Era totalmente diferente do que é, por exemplo, jogar lá na arena hoje que a gente não pode, como eu sou torcedora organizada, eu não posso entrar com a camisa da minha organizada. É... Não posso... A gente não pode levar mais bateria. A gente não pode levar faixa. A gente não pode levar papel picado. Não pode... Não pode nada! Pra mim acabou! Virou teatro (Entrevistada 9).

Enquanto o passado é alvo de exaltação, o presente, em contrapartida, é retratado de forma dramatizada: “e aí tudo foi tomando um rumo muito ruim, muito distante do que era o ambiente do torcer antes” (Entrevistada 9). O itinerário da argumentação empregada por parte dos entrevistados é mais ou menos o seguinte: o combate à violência foi utilizado como pretexto ou desculpa para reprimir a festa na arquibancada e excluir a classe trabalhadora dos estádios. Com isso, eliminou-se a “essência” do futebol, outra expressão recorrente, tornando a situação atual dramática. Essa dramatização possui um efeito retórico notável: cria um “senso de urgência” na transformação de tal situação, uma vez que contribui para torná-la inaceitável e moralmente intolerável (Loseke, 2008). Não à toa, segundo Rosemberg e Andrade (2007), o melodrama é uma estratégia retórica vital na construção e sustentação de problemas sociais, uma vez que contribui para persuadir suas audiências de sua gravidade. O extrato abaixo é ilustrativo dessa estratégia:

Hoje você vai ao estádio parece um **cemitério** às vezes, principalmente aqui em São Paulo. (...) Se você falar se diminuiu um pouco a violência. Até acabou diminuindo um pouco sim a violência, mas junto eles **mataram** a carnavalização, **mataram** o futebol, **mataram** o que era gostoso que era a festa nos estádios. Então, eles foram aumentando. Eles foram aumentando o valor dos ingressos, para mudar um pouco o perfil do torcedor que frequentava os estádios e com isso então eles não **mataram** só, eles não só diminuíram a violência como foram

matando o próprio torcedor que frequentava estádio, né. Hoje, tem vários torcedores que frequentava na década de 90, um perfil de torcedor, que hoje não frequenta mais (Entrevistado 4).

Importante observar que a narrativa melodramática é construída aqui por meio da “metáfora da morte”. Essa observação é relevante porque essa figura de linguagem é relativamente recorrente nos discursos oposicionistas ao “futebol moderno” e possui possíveis implicações ideológicas. Afinal, as metáforas estruturam nossos pensamentos, percepções, comportamentos e identidades (pessoal e coletiva), incidindo sobre as relações sociais e jogos de poder (Ramalho & Resende, 2011). De acordo com Thompson (2002, p. 85), uma metáfora “(...) implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado”. Com efeito, podemos dizer que o futebol não morreu concretamente. Por suposto não é um ser vivo que pode, de fato, vir a falecer. Ademais, continua a ser muito praticado e consumido no Brasil. Mesmo a “festa” na arquibancada, que atualmente sofre uma série de restrições, segue existindo.

A metáfora, continua Thompson (2002), combina termos extraídos de campos semânticos distintos e faculta o estabelecimento de novas relações. Relações que realçam ou encobrem certos aspectos do que representa. No caso da “metáfora da morte”, ela acentua certos impactos negativos das transformações efetuadas no universo do futebol às custas de outros, revestindo esse universo com as imagens da angústia e do sofrimento, habitualmente associadas à da morte na cultura ocidental. Essa maneira particular de construir a imagem atual do espetáculo futebolístico pode contribuir para transformar as estruturas de dominação presentes em seus contextos de produção e recepção/consumo. Afinal, denuncia os problemas decorrentes da exclusão da classe trabalhadora dos estádios e de suas formas específicas de participação nesse espetáculo, reconhecendo-as, implicitamente, como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio.

A narrativa melodramática sobre o “futebol moderno” participa de (e reforça) uma narrativa romântica mais ampla sobre o futebol. Um de

seus maiores expoentes é o ensaísta uruguaio Eduardo Galeano (2013), autor do clássico *El fútbol a sol y sombra*, obra na qual denuncia a corrupção do futebol pela força do "vil metal", do poder e do prestígio, defendendo a ideia, tipicamente aristocrática (apesar de se apresentar como progressista), do "futebol pelo futebol". Para o ensaísta, o futebol original era vinculado unicamente ao prazer de jogar. Perspectiva que, segundo Lovisolo (1999), esquece o grau de violência que o futebol tinha desde seus primórdios e implica certa infantilização do jogo, na medida em que este é visto como uma prática que deveria permitir certo escapismo do mundo em que vivemos. Não à toa, o "verdadeiro" jogador é visto como aquele que joga como uma criança: desinteressadamente. Aqui, o inútil é aplaudido e o interesse, objetivado na comercialização do esporte, demonizado. Em suma: ao "(...) inventar uma lógica que ele não tem: o futebol espetáculo, preocupado com os lucros, estaria destruindo a beleza do esporte" (s/p).

Em oposição à tese do "ópio do povo", em que esse esporte é apresentado como uma atividade alienante, essa narrativa romântica tende a exaltá-lo como uma atividade popular e participativa, que expressa a "autêntica" cultura nacional. De acordo com Lovisolo (2011), ela retrata os primórdios do futebol, quando ele era jogado em terrenos baldios, na "várzea", como um período mais simples, natural e melhor, que devido a uma série de razões, como o crescimento das cidades, teria se perdido, se corrompido, motivando o devaneio saudosista e nostálgico por parte de seus narradores. Nas palavras do autor:

o saudosismo é um elemento tradicional e sempre presente na crítica do futebol moderno, comercial, espetáculo ou indústria, e é localizável já em escritos produzidos no século passado. Há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol (Lovisolo, 1999, s/p).

Segundo Lovisolo (1999, s/p), o paradoxo dessa narrativa romântica é que, se não fosse a transformação do futebol em espetáculo, seus narradores talvez nem gostassem desse esporte, uma vez que sua popularização ocorreu, em grande

parte, justamente por conta de sua transmissão pelo rádio e televisão. Assim, segue o autor, não seria o caso de lamentar, pura e simplesmente, a aliança entre o futebol e o espetáculo, mas de fazer uma análise crítica de como se dá essa aliança concretamente – o que, até certo ponto, é feito por alguns dos entrevistados. Afinal, não há, nas entrevistas, uma crítica ao televisionamento em si dos jogos, mas ao poder conferido à televisão na definição da agenda dos jogos.

De qualquer modo, notemos que, nas entrevistas, aparecem, em diversas ocasiões, os principais elementos que caracterizam essa narrativa romantizada do futebol: em primeiro lugar, todos os entrevistados, sem exceção, mostram inconformidade com o presente. Em segundo lugar, valorizam a "simplicidade" e a "autenticidade" do passado. Em terceiro lugar, estimam o povo e o popular como positivos, em contraposição binária às elites, vistas na chave negativa. Em quarto lugar, criticam o burguês (no caso, o torcedor burguês) utilitarista, consumerista e acomodado. Em quinto e último lugar, valorizam a imaginação no ato de recreação (no caso, a festa nas arquibancadas) (Lovisolo, 2011).

Essa narrativa mítica do futebol, em geral, e do "futebol moderno", em particular, situa seus narradores em "lugares de fala" distintos dos defensores da tese do "ópio do povo". Afinal, uma vez que estes buscam denunciar o caráter alienante do futebol, eles precisam manter certa distância em relação a esse esporte, ou seja, só podem se situar "fora" desse universo. Caso contrário, tornam-se analistas de "pés de barro" (Lovisolo, 2011). Já os entrevistados, como os demais "românticos", situam-se "dentro" do universo do futebol. Posicionam-se como pessoas que se deleitam com ele e que, devido à sua "degeneração", buscam reformulá-lo e "corrigi-lo", não eliminá-lo.

O discurso predominante nas entrevistas é que essa "degeneração", ou seja, o surgimento do "futebol moderno", teria ocorrido a partir das Copas do Mundo da Alemanha, em 2006, e do Brasil, em 2014, com a realização dos megaeventos e com a implantação do modelo das arenas multiusos¹⁰. É interessante notar que a ênfase nas transformações estruturais dos estádios como elemento explicativo indica que o referido discurso

adota, implicitamente, uma “teoria da ação” que reconhece o processo de agenciamento para as coisas do mundo, ou seja, que reconhece a agência material, reintegrando as noções de sociedade e natureza (Maia, 2015).

Essa reintegração é importante para a análise da ideologia, pois sugere a ideia de que a luta pela preservação de uma cultura popular de torcer passa, necessariamente, pela democratização dos espaços destinados a discutir e elaborar propostas para os estádios brasileiros, como as audiências públicas sobre a concessão de estádios públicos. Apesar de o referido discurso levar, do ponto de vista lógico, a esse tipo de conclusão, a necessidade de maior participação popular nesses espaços não foi destacada pelos entrevistados, o que é indicativo de que suas críticas ao “futebol moderno” ainda não foram convertidas em propostas concretas para a transformação das estruturas de poder do futebol, o que pode ajudar a mantê-las intactas. Trata-se, pois, de um movimento mais reativo do que efetivamente propositivo.

É de igual maneira relevante observar que a ideia de “degeneração” também aparece na voz de atores com visões antagônicas de futebol, como os *policy makers*. A título de exemplo: o percurso narrativo do relatório da Consegue (Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espectáculos Esportivos), dos ministérios do Esporte e da Justiça¹¹, constrói um enredo mais ou menos assim: antigamente, o estádio de futebol era um lugar “familiar”, sem conflitos. Este acabou se “degenerando” e se convertendo numa “praça de guerra” entre torcidas organizadas, “falsos torcedores”, que ameaçam a segurança dos “torcedores comuns”, os verdadeiros, e constituem um perigo à sociedade como um todo. Nesse contexto, o Poder Público trabalharia de forma racional e desinteressada em prol dos interesses do “bem comum”, de modo a erradicar os seus males (Lopes & Reis, 2017).

Ainda que a imagem da “degeneração” esteja igualmente presente na voz de movimentos de torcedores e de *policy makers*, ela possui funções diferentes nas narrativas por eles veiculadas. Afinal, serve para expurgar personagens distintos. Enquanto, no relatório da Consegue, os torcedores organizados tendem a desempenhar o papel

dos vilões-degenerados (protagonizam as cenas de barbárie no futebol) e o Poder Público, do de herói-integro (age em nome do “bem comum”); nas entrevistas, esses torcedores tendem a desempenhar o de heróis-integros (resistem ao “futebol moderno”) e o Poder Público faz as vezes de vilão-degenerado (é um dos principais responsáveis por ele).

Essa inversão de papéis possui efeitos discursivos importantes. Se, por um lado, a narrativa veiculada no relatório da Consegue tende a apoiar uma série de medidas de controle sobre o torcedor organizado (Lopes & Reis, 2017); por outro, a veiculada nas entrevistas tende a legitimar a democratização do debate público sobre o futebol. Não à toa, alguns entrevistados apelam, mais ou menos explicitamente, para a necessidade de alargá-lo e torná-lo mais acessível. O potencial contestatório desse apelo é reforçado pelo fato de os entrevistados colocarem em xeque as forças dominantes do futebol. Ora, isso contribui para retirar os discursos dessas forças da condição de verdades morais inquestionáveis e, conseqüentemente, problematizar uma das principais formas pelas quais mantêm suas posições de dominação (Becker, 2009, p. 206).

Por fim, cabe destacarmos que, implicitamente, tanto os críticos do “futebol moderno” quanto os *policy makers* afirmam desfraldar suas bandeiras em nome do torcedor. No entanto, cabe a pergunta: de que torcedor estão falando? Ora, a categoria torcedor unifica, numa identidade coletiva, perfis de torcedor muito diferentes. Para o relatório da Consegue, o torcedor a ser defendido é o “dócil”, aquele que não se envolve em conflitos. Em primeiro lugar, trata-se de uma compreensão maniqueísta e essencialista de torcedor. Como se alguns encarnassem a maldade (geralmente os integrantes de organizadas) e outros tivessem sempre um comportamento “exemplar”. Como se o “torcedor comum”, categoria utilizada pelo próprio documento, também não possa incitar práticas violentas e discriminatórias em algumas oportunidades. Em segundo lugar, trata-se de uma compreensão demasiadamente ampla e abstrata de torcedor, que perde de vista as desigualdades socioeconômicas presentes no universo do futebol. Não à toa, o referido relatório não problematiza a questão da elitização (Lopes & Reis, 2017).

Já nas entrevistas aqui analisadas, o torcedor a ser defendido é o pobre e/ou participativo. Além de ser uma compreensão mais específica de torcedor, que pressupõe a problematização das referidas desigualdades, ela joga luz sobre as disputas morais em torno dos significados de torcer. Significados que delimitam fronteiras, demarcando lugares a serem ocupados e distâncias a serem mantidas (Borges & Rocha-Coutinho, 2015). Com efeito, ao se engajarem a favor daqueles que, hoje em dia, são, cada vez mais, excluídos da "geografia do futebol", daqueles que são, forçosamente, mantidos do outro lado da "margem" do espetáculo, as falas dos entrevistados parecem possuir um potencial contestatório significativamente maior do que o referido documento.

Diante do exposto, podemos afirmar que, apesar de seu silêncio em relação a certas formas de dominação que resultam em desigualdades e injustiças no universo do futebol, como as diferenças de gênero e a homofobia, os discursos contra o "futebol moderno" realçam, de modo geral, uma série de situações que se mostram abusivas contra indivíduos e grupos em uma situação de subordinação, estimulando a reflexão e o debate de ideias. Isto é particularmente relevante em uma conjuntura política propícia a discursos de ódio, de intolerância, que estremecem as possibilidades de diálogo, ameaçando seriamente uma das maiores conquistas civilizatórias: a democracia.

5. Considerações finais

O presente artigo procurou refletir sobre as relações assimétricas de força entre os diversos protagonistas do futebol profissional de alto rendimento na contemporaneidade. Para tanto, o ponto de partida foram as considerações thompsonianas em torno das hierarquias de poder, válidas no presente caso para pensar a dominação no campo esportivo brasileiro, mediante a revisão crítica do conceito de ideologia, tal como proposta pelo sociólogo de origem estadunidense. Após determinar seu referencial teórico, o texto expôs os critérios metodológicos de abordagem e circunscrição do objeto, que se valeu da produção de entrevistas temáticas semiestruturadas, além

da respectiva análise de discurso dos relatos orais, tendo por base as correntes contemporâneas que acentuam as conexões entre linguagem e sociedade.

Na esteira das considerações atinentes à teoria e à metodologia, o artigo se debruçou sobre o caso de um movimento de resistência desenvolvido no país em período recente por integrantes de torcidas organizadas e de coletivos de torcedores. Sob influência e inspiração de grupos *ultras* europeus, tal movimento manifesta-se ao longo do último decênio no país, com a particularidade de aqui incluir o impacto dos megaeventos esportivos ocorridos entre 2007 e 2016. Embora de maneira ramificada, variando de clube a clube, e de torcida a torcida, a adesão aos princípios contestatórios de questionamento ao processo de mercantilização e de mediação deste esporte tem sido explicitada tanto nas arquibancadas, por intermédio de faixas, bandeiras, camisas e gritos de guerra, quanto nas redes sociais, através de discursos e de palavras de ordem contrárias ao que denominam o "futebol moderno", sob a égide de estádios "frios", comportados e artificiais.

O exame das entrevistas, estruturadas em torno de temas-chave desse universo, concentrou-se, para efeito de delimitação do argumento, em dois aspectos: 1) A conotação polissêmica da categoria nativa "futebol moderno", enunciada e definida de distintas maneiras pelos entrevistados; e 2) O significado da categoria em termos históricos, à luz de uma perspectiva retórica que contrapõe, de forma até certo ponto estanque, um passado de fundo mítico, para uns situados nos anos 1990, para outros em princípios do século XX, a um presente corrompido e deturpado por interesses estranhos à suposta aura do pertencimento clubístico, ao caráter lídimo da paixão futebolística ou ainda à pureza constitutiva da identidade nacional.

Afora algumas bandeiras convergentes, a exemplo da campanha contra as partidas disputadas no meio de semana, com início às 22h, em dia e horário estipulados pelos meios de comunicação, especialmente a Rede Globo de televisão, patrocinadora dos campeonatos estaduais e nacionais, chegamos à conclusão de que, para além da sua força expressiva, catalisada pelo bordão "ódio eterno ao futebol moderno", não se verifica um

entendimento mais específico do que venha a ser esse movimento e quais devem ser suas estratégias, posto que se coloca em ambiente marcado por uma pluralidade de visões. Donde se conclui que ainda inexistem uma coesão nos discursos e nas ações que sustentem a luta concreta pela modificação dos valores e das práticas hegemônicas associadas ao futebol-espetáculo na atualidade.

Embora tal movimento seja visto com simpatia por parcelas significativas dos seguidores do mundo clubístico e futebolístico nacional, descontentes com os rumos empresariais e modernizadores da modalidade esportiva mais popular do país, reduzidos para muitos à “frieza” das novas arenas, equipamentos regidos pelos princípios do conforto, da tecnologia e da segurança, cujo corolário mais emblemático é a elitização e a exclusão de parte do público frequentador, o conjunto de entrevistas acima escrutinado permitiu identificar poucos avanços efetivos, talvez dificultados pelas conhecidas rixas e rivalidades inter-torcidas, assim como consequências tímidas no questionamento direto ao monopólio midiático do futebol, bem como às mudanças infraestruturais e ao arcabouço simbólico que sustenta essas transformações no Brasil.

NOTAS

¹ Este trabalho contou com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² Disponível em [http://trivela.uol.com.br/divisao-de-tv-campeonato-ingles-2013-2016/]. Consultado [19-04-2017].

³ Entre eles, pode-se mencionar: Futebol, Mídia e Democracia, Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Coletivo Democracia Santacruzense, Comuna Rubro-Negra e Celeste Proletária.

⁴ As torcidas organizadas foram criadas no Brasil a partir dos anos 1940, com o advento do profissionalismo no futebol. Nos dias de hoje, as mais representativas, no eixo Rio – São Paulo, surgiram em fins da década de 1960, a exemplo da Torcida Jovem do Flamengo (1967), da Gaviões da Fiel (1969) e da Torcida Jovem do Santos (1969).

⁵ Entidade criada em 2014, durante seminário realizado em Belo Horizonte, com a presença de 76 torcidas organizadas de todo o país. Antes da ANATORG, nos anos 2000, existiu a CONATORG, Conselho Nacional das Torcidas Organizadas, que organizou, entre outras iniciativas, o movimento “Fora Ricardo Teixeira”, durante a edição do Campeonato Brasileiro de 2007. Em âmbito estadual, existiram também a ASTORJ, no Rio, e a ATOESP, em São Paulo, entre os anos 1970 e 1990. Em 2008, foi criada a FTORJ, Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, que se dissolveria em 2014 na ANATORG.

⁶ Foram consultados o *Google Scholar*, o *Scielo*, o Banco de Teses e Dissertações da Capes e as bibliotecas da Universidade de São Paulo, Universidade de Sorocaba e Fundação Getúlio Vargas. Os descritores utilizados nas buscas variaram de acordo com o modo de organização e a terminologia de cada base de dados.

⁷ As doze temáticas foram: 1) Como descreve/explica o “futebol moderno”; 2) O que propõe para transformar o “futebol moderno”; 3) Como descreve/analisa a relação do clube com o “futebol moderno”; 4) Como descreve/analisa o período anterior ao “futebol moderno”; 5) Como descreve/analisa a torcida e/ou coletivo (história, estrutura, organização hierárquica e lutas); 6) Como descreve/analisa a relação da torcida com o clube; 7) Como descreve/analisa a relação da torcida e/ou da Anatorg e/ou do coletivo com outros agrupamentos de torcedores e/ou movimentos sociais; 8) Como descreve/analisa a relação da torcida e/ou da Anatorg com o Poder Público; 9) Como descreve/analisa a questão da homofobia e do machismo dentro da torcida; 10) Como descreve/analisa as ações da Anatorg e/ou o movimento de torcidas em geral; 11) Como idealiza o futebol e 12) Outros.

⁸ Apenas 1 o definiu, em parte, dessa maneira.

⁹ Em trabalhos futuros, buscaremos analisar o uso da categoria “ideologia” dentro do contexto das torcidas de futebol. Aparentemente, em tal contexto, essa categoria possui significados distintos do conferido por Thompson (2000). Nossa hipótese é que esses significados podem ser enquadrados naquelas concepções que o autor denominou de neutras. Afinal, sugerem que os fenômenos considerados ideológicos não são necessariamente enganadores, nem

estão intrinsecamente ligados aos interesses das classes dominantes. Na verdade, a categoria ideologia, dentro do referido contexto, parece ser utilizada como sinônimo de ideário, de princípio, seja ele de grupos dominantes ou dissidentes.

¹⁰ Um entrevistado ainda destacou a implementação do sistema de sócio-torcedor e, outro, a do sistema de pontos corridos no Campeonato Brasileiro.

¹¹ Comissão que tem servido de base para uma série de experiências pilotos nos estádios brasileiros, principalmente no estado de São Paulo. Embora não haja espaço para aprofundamento nos limites deste artigo, são dignos de nota outros documentos elaborados por autoridades jurídicas e governamentais, a exemplo do Relatório Final da Comissão Paz no Esporte, redigido por Marco Aurélio Klein, e do livro “A criminalização é o caminho? Ações práticas e propostas legislativas de combate à violência no futebol”, de autoria do promotor Paulo Sérgio Castilho, em trabalho editado pela Federação Paulista de Futebol, no ano de 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alabarces, P. (2012). *Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual.

Araki, S. S., et al. (2014). Entrevistas: negociando sentidos e cocoproduzindo versões da realidade. In M. J. SPINK et al. *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Borges, C. & Rocha-Coutinho, M. L. (2015) Sentidos para a homossexualidade. In G. P. Lara & R. P. Limberti. *Discurso e desigualdade social*. São Paulo: Contexto.

Bourdieu, P. (2003). A economia das trocas linguísticas. In R. Ortiz. (Org.). *A sociologia de Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água.

Castilho, P. S. de. (2010). *A criminalização é o caminho? Ações práticas e propostas legislativas de combate à violência no futebol*. São Paulo: Federação Paulista de Futebol.

Dunning, E. (2014). *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo: Annablume.

Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB.

Galeano, E. (2013). *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM.

Gaskell, G. (2008). Entrevistas individuais e grupais. In G. Gaskell & M. Bauer. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Giulianotti, R. (2002). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

Hollanda, B. B. B. & Medeiros, J. & Teixeira, R. C. (2015). *A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Hollanda, B. B. B. (2009). *O clube como vontade e representação: o jornalismo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Ibáñez, T. O "giro" linguístico. (2004). In L. Iñiguez. *Manual de análise do discurso em ciências sociais* (2ª ed). Petrópolis: Vozes.

Kennedy, P. & Kennedy, D. (2016). *Football in neo-liberal times: a marxist perspective on the European football industry*. Londres: Routledge.

Lopes, F. T. P. & Reis, H. H. B. (2017). Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório "Preservar o Espetáculo, Garantindo a Segurança e o Direito à Cidadania". *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69, 36-51.

Lopes, F. T. P. (2016). A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. *Athenea Digital*, 16, 89-113.

Loseke, D. R. (2008). *Thinking about social problems: an introduction to constructionist perspectives* (2ª ed). New Brunswick: Aldine Transaction.

Lovisololo, H. (1999). Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. *Logos*, 6(1), s/p.

Lovisololo, H. (2011). Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In R. Helal & H. Lovisololo & A. J. Soares. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Luna, S. V. (1996). *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: Educ.

Maia, C. A. (2015). *História, ciência e linguagem: o dilema relativismo-realismo*. Rio de Janeiro: Maud.

Numerato, D. (2014). Who says "no to modern football?" Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, 1-19.

Pinto, M. R. (2018). *Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos contrários ao machismo e à homofobia no futebol*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Proni, M. (1998). *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

Ramalho, V. & Resende, V. M. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores.

Rocha, D. & Deusdará, B. (2005). Análise de conteúdo e análise de discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, 7(2), 305-322.

Rojo, L. M. (2005). A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o "racismo". In L. Iñiguez. *Manual de análise do discurso em ciências sociais* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Rosemberg, F. & Andrade, M. (2007). Infância na mídia brasileira e ideologia. In A. M. Jacó-Vilela & L. Sato. *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Evangraf.

Santos, I. S. C. (2016). Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. *Esporte e Sociedade*, 27, 1-18.

Santos, I. S. C.; Helal, R. (2016). Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*, 3(7), 54-69.

Thompson, J. B. (2000). *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa* (4ª ed). Petrópolis: Vozes.

Van Dijk, T. (2003) La multidisciplinaryidad del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In R. Wodak & M. Meyer. *Métodos del análisis crítico del discurso* (pp.143-178). Barcelona: Editorial Gedisa.